

7-2013

Centro Materno-Infantil de Kalandula

Arnaldo da Rocha Ferreira

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

Recommended Citation

da Rocha Ferreira, A. (2013). Centro Materno-Infantil de Kalandula. *Missão Espiritana*, 23-24 (23-24). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol23/iss23/49>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

mãe, está a dar os seus frutos. Elas já se apresentam no Centro Materno-Infantil para vacinação, pesagem, exames periódicos, etc. Começa a haver a consciência dum controle frequente para bem da futura mãe e filho. As instalações do pequeno dispensário são demasiado reduzidas para o movimento que temos neste campo.

Queria agradecer à Direcção de “Acção Missionária” o terem lançado nas suas páginas o tão sonhado Projecto Materno-Infantil, para que os amigos das Missões possam ter conhecimento e assim ajudarem a tornar realidade o que durante muitos anos foi um sonho. Será uma realidade se a vossa compreensão e generosidade não ficarem num simples lamento à necessidade da iniciativa e que até possam fazer brotar lágrimas quentes daqueles que nos lêem ou ouvem, como as daquela amargurada mãe, mas que não deram a vida ao seu querido filho; a vossa real ajuda é que dará vida e tornarão uma realidade o nosso sonho.

Agradecemos portanto as vossas ofertas para que elas construam uma Angola nova, com filhos sadios, futuros cidadãos duma terra que desejamos ver renovada e próspera em que as suas mães possam ter um Natal acolhedor e não um Natal de bicicleta. O futuro desta Angola martirizada pela guerra depende da vossa resposta ao apelo feito no jornal de todos nós, a “Acção Missionária”

P. Arnaldo da Rocha Ferreira
(Acção Missionária / Março 90 / pg.9).

02

CENTRO MATERNO-INFANTIL DE KALANDULA

Agora só me resta dizer: MUITO OBRIGADO. Um obrigado a todos quantos concorreram com as suas ajudas ou ofertas para que a meta fosse atingida.

Quero agradecer tanto aos que contribuíram com pequenas ou grandes quantias. Àqueles cujos nomes se conhecem, como àqueles cujos nomes ficaram no anonimato. Àquele que depois da sua morte, pela pessoa da sua irmã, quis que uma das suas vontades últimas fosse ajudar a causa missionária. Que o Senhor lhe dê ou pague os juros a que tem direito. Muitos, certamente, privaram-se daquilo que podiam ter gasto em proveito próprio para oferecerem em proveito de outros mais necessitados.

O Centro que projectámos e que era um sonho ainda há pouco tempo, está a tornar-se em realidade. Muitos, certamente, pensaram que seria uma utopia num país em guerra em que a tônica é a morte e a destruição. Mortes na guerra propriamente dita, vítimas das balas das armas assassinas; mortes por falta de condições de assistência sanitária, porque tudo vai para pagar essas balas malditas e assassinas.

É um Projecto humilde, feito por pessoas humildes e para pessoas humildes. Não é uma iniciativa de um chefe de governo, de uma pessoa importante e que anda

nas grandes colunas dos jornais ou nos écrans da televisão ou antenas da rádio. É a iniciativa e o grito de um povo que sofre e morre e que tem direito a viver. São os gritos das mães que, abraçadas aos seus tenros filhos, lhes perguntaram porque nasceram e agora morrem. É o silêncio eterno dum ser que nunca saberá porque nasceu e não pôde viver como todas as crianças que nascem. É a luta e o esforço de tantas abnegadas Irmãs Enfermeiras, que na sua dedicação e amor procuram o impossível para que o débil filho de uma pobre mãe possa amanhã ser o futuro duma terra que, hoje, por teimosia dos homens, é cemitério de seres humanos. Tudo isto, amigos, são os gritos que se ouvem e que vós também escutais e que com as vossas ofertas quereis que eles não se repitam nem se façam mais ouvir. Podeis estar certos de que as vossas ajudas vão, com certeza, criar condições para salvar muitas vidas que começam e que sem a vossa oferta seriam vidas sem futuro e sem vida!

A Campanha chegou ao fim, mas o nosso agradecimento não termina; ao levantar de cada tijolo, ao subir lento das paredes, o pensamento está em todos vós que ao longe colocastes junto do Projecto a vossa “pedra” pesada, ou vosso leve tijolo, mas que ambos têm a mesma finalidade e a mesma importância. O tornar realidade o Centro Materno-Infantil desta Missão fustigada pela guerra é gritar bem alto: chega de guerra, chega de mortes, vamos dar a Vida!...

É isto que nos anima, é isto que nos faz permanecer no meio deste povo que grita pela PAZ e que muitos não ouvem nem escutam.

Queria ainda agradecer a todos aqueles que de alguma forma concorreram ou ainda concorrerão para toda esta aventura em favor dos que não podem gritar, dos que gritam e não podemos ouvir a sua impotente voz. Agradecer mesmo aos incrédulos, que, talvez mesquinamente, olhassem para o título do Jornal “Acção Missionária” – “Quando a fé se chama partilha” e dissessem: mais um maluco!... Sim têm toda a razão; mas o que vai valendo muitas vezes são as iniciativas de certos malucos à maneira de S. Paulo, João de Deus, Teresa de Calcutá, Pai Américo, etc... mas que no caso se tornam obras grandes porque salvar uma vida é a coisa maior que um irmão pode fazer ao seu irmão. Cristo é bem claro: a maior prova de amor que podes fazer é dar a vida pelos teus irmãos, é dar a vida ao teu irmão...

Estou a ser longo, não é? Pois então vou terminar. Desculpai a minha maneira de dizer e agradecer. Sinto-me envergonhado, se não expressei bem o meu reconhecimento. É que muitas vezes o gesto de dar é maior do que o gesto de agradecer... Muitas vezes nem Obrigado sabemos dizer, mas eu quero dizer um GRANDE OBRIGADO, pelo menos do tamanho da distância que nos separa: Kalandula – Portugal.

Em nome de todas as mães e seus filhos, o sempre grato e agradecido em Cristo Missionário.

Missão Católica de Kalandula, 3 de Fevereiro de 1991

P. Arnaldo da Rocha Ferreira